

## **RELAÇÕES DE GÊNERO, CORPO, MILITÂNCIA E JUVENTUDES NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**Isadora Costa Mendes<sup>1</sup>  
Lúcia Gonçalves de Freitas<sup>2</sup>**

**Resumo:** Esta comunicação resulta de reflexões e discussões realizadas no âmbito de gênero, corpo, feminismo e juventudes. Busca compreender as relações entre gênero, corpo e militância que se constituem entre as feministas que atuam no movimento feminista atualmente, bem como vivem sua condição juvenil. Compreende-se neste trabalho que no intuito de combater o discurso de opressão de uma sociedade predominantemente patriarcal, androcêntrica e sexista, as mulheres ao longo da história procuram alternativas de se expressarem por um lugar de direitos iguais na sociedade, desenvolvem um discurso cada vez mais identitário e com interesses que se relacionam a questões políticas, econômicas, sociais e culturais. Assim, o feminismo é um discurso político, filosófico e intelectual, que tem como principal objetivo a defesa dos direitos da mulher, se opondo ao machismo e as diferenciações discriminatórias e opressoras produzidas socialmente sobre gênero, corpo e sexualidade. Neste sentido, para compreender os nuances que se contextualizam no feminismo, é preciso um estudo sobre a diversidade de gênero, presente na sociedade contemporânea, e ainda, percebendo as jovens como principais precursoras dos movimentos feministas, é necessária uma compreensão de juventudes que vá além do senso comum, como uma categoria sócio-histórica. Assim, entende-se a juventude como um processo amplo na constituição de sujeitos, e por isso, interfere na militância das feministas.

**Palavras-chave:** Gênero. Corpo. Feminismo. Juventude.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo justifica-se pela necessidade em contribuir para as correntes de estudos feministas com pesquisas, que são ainda reduzidas se comparadas ao tamanho universo acadêmico. Assim, torna-se necessário olhares sociais, humanos e científicos para as questões que lidam diretamente às minorias, em todos os âmbitos.

Se tratando dos tramites legais, Compete a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), [...] promover o controle social do Estado - fiscalizando as ações executadas pelo poder público no que diz respeito ao atendimento aos grupos de maior vulnerabilidade, como crianças e adolescentes, idosos, pessoas com deficiência, população em

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Linguagem e Tecnologias do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) do Campus Anápolis de CSEH/UEG, bolsista da Capes.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). É professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), professora colaboradora do Mestrado Interdisciplinar Educação, Linguagem e Tecnologia da mesma instituição e Coordenadora de Pesquisa da UEG-Jaraguá, onde lidera o Grupo de Estudos de Jaraguá.

situação de rua e população LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais e Travestis, entre outros. O combate a discriminações e ao preconceito por orientação sexual, crença religiosa, etnia, sexo, idade, origem ou classe social também está entre as atribuições desses colegiados. Para tal, são desenvolvidas campanhas e programas de cunho educativos que visam assegurar o pleno gozo da diversidade humana, conforme preconizam a Constituição Federal e a Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas – ONU.

Atualmente, a sociedade vive diversos tipos de ataques as mulheres e as juventudes. A violência se torna ainda mais intensa quando são levados em conta alguns marcadores sociais que elevam o sujeito a uma situação de vulnerabilidade social, são esses os fatores econômicos e sociais. A jovens mulheres vivem sua condição juvenil de forma diferente e as questões de gênero, raça, orientação sexual e corpos influenciam em sua constituição enquanto jovens e militantes.

## **1 GÊNERO, CORPO E FEMINISMO**

Para isso, é relevante uma discussão acerca dos movimentos sociais, que estão diretamente relacionados com um elemento de união, a questão da cidadania. E de acordo com as mudanças da sociedade as reivindicações vêm sendo manifestadas por formas e motivos diferentes. Assim, trata-se em sua definição:

[...] ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.) até as pressões indiretas. (GOHN, 2011, p. 3)

Gohn (2011) diz que os movimentos sociais têm identidades e se articulam através de um projeto de vida e sociedade, que tem contribuído historicamente para a construção de reformas e valores neste meio. Atualmente, estes movimentos sociais estão em busca da construção de uma sociedade democrática baseada no reconhecimento de diversos atores sociais.

Assim, o feminismo é um discurso político, filosófico e intelectual, que tem como principal objetivo a defesa dos direitos da mulher, se opondo ao machismo e as diferenciações

discriminatórias e opressoras produzidas socialmente sobre gênero e sexualidade. Ao longo da história, as mulheres vêm se revelando insatisfeitas por condições que lhes são impostas em determinadas épocas e regiões. Por essas razões, as autoras Alves e Pitanguy (1991, p. 232) afirmam “que o feminismo adquire uma prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos de cidadania frente aos obstáculos que o contrariam”.

Na busca incessante de combater o discurso de opressão de uma sociedade predominantemente patriarcal, androcêntrica e sexista, as mulheres ao longo da história procuram alternativas de se expressarem por um lugar de direitos na sociedade, desenvolvem um discurso cada vez mais identitário e com interesses que se relacionam a questões políticas, econômicas, sociais e culturais.

O movimento feminista, desde a sua origem, buscava – e ainda busca – a horizontalidade das relações sociais, primeira e especialmente entre homens e mulheres, seja no âmbito político ou social. Isto é, na luta pelo direito da mulher quanto ao exercício da sua cidadania (e que este se dê de forma igualitária a dos homens), e na produção de novos modos de ser mulher em uma sociedade sexista, machista e heteronormativa. Na medida em que, por meio de práticas de resistência provocam o deslocamento das visibilidades e dizibilidades da e sobre a mulher. (SALLOUM; VALENTE, 2014, p. 6)

Neste sentido, para compreender os nuances que se contextualizam no feminismo, é preciso um estudo sobre a diversidade de gênero, presente na sociedade contemporânea. As características que diferem o sexo feminino do masculino são biológicas. Entretanto, feminilidade e masculinidade são frutos de uma construção social que reproduz condições contextuais reforçadas pelas instituições públicas, educacionais e organizacionais, religião, família e cultura (SILVEIRA, 2006).

Assim, este autor considera que as palavras feminino e masculino se referem às diferentes características do sexo de cada indivíduo e também a apropriações sociais em cada contexto. Ou seja, é relevante ressaltar que por essas construções que se contextualizam há uma padronização socialmente imposta, essa prática se torna determinante entre os sujeitos, o que leva a uma possível exclusão.

O conceito de gênero, que tem sido utilizado politicamente pelo movimento feminista, permite refutar a ideia de uma natureza feminina, que, por si só, explicaria a subordinação das mulheres. Assim, a explicação da subordinação das mulheres não se apoia nas diferenças físicas ou biológicas que conformam uma anatomia de mulher ou de homem, conforme insistiam aqueles que afirmavam a existência de uma natureza masculina superior e de uma natureza feminina incompleta, frágil e, portanto,

inferior. Na realidade, a explicação da subordinação das mulheres aponta para o valor simbólico que a cultura atribuiu a essas diferenças colocando no masculino e no feminino qualidades que, além de diferenciadoras, embasam discriminações e fundamentam relações de poder. Compreender as relações de gênero é considerar como se constituem as relações entre homens e mulheres face à distribuição de poder. (BARSTED, 2001, p. 3)

É necessário ainda evidenciar as questões de sexualidade presente nesta construção social. Para tanto, a diversidade sexual é um direito que vem sendo reclamado há décadas. No Brasil, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) tem a função de elaborar políticas públicas voltadas para o combate ao preconceito e discriminação contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBT) com a implementação de planos, programas e projetos criados para a execução e permanência dos direitos destes.

Assim como as questões de sexualidade, as questões dos corpos que carregam em si marcadores sociais, também sinalizam significados quando se trata das reivindicações das mulheres,

Nos processos de diferenciação, encontra-se a própria construção da diferença como premissa binária do sexo biológico, tomado enquanto eixo definidor do humano, instaurador de uma identidade modelada pelo social. Em si, a diferença sexual não é positiva nem negativa, mas torna-se política quando é marco de desigualdade, criada a partir de uma evidência corpórea “natural”, o que oculta os mecanismos de poder de sua construção. Se a diferença pode ser filosófica ou biológica em seu ponto de partida, torna-se forma de poder político ao estabelecer a desigualdade, a inferioridade social. (SWAIN, 2008, p. 3)

Tania Navarro Swain reitera que assumir uma identidade “mulher” é assinar um contrato sexual, heterossexual e assim identificar uma representação de inferioridade social, reafirmando a diferença evidenciada com o que o poder estabelece. Assume-se, então, um corpo sexuado, imanente e vulnerável às violências sociais simbólicas e materiais.

## **2 JUVENTUDES: UM PROCESSO SÓCIO-HISTÓRICO**

A categoria juventude não pode ser compreendida apenas como uma condição biológica que se reconhece por uma determinação de idade, mas sim como uma categoria cercada de elementos singulares, coletivos e subjetivos numa construção histórica e social. Para Bourdieu apud Branco (2008),

A idade é um dado biológico socialmente manipulado de manipulável, e [...] o fato de falar dos jovens como se fosse uma unidade social, um grupo constituído dotados de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Ainda que não haja um consenso do que realmente seja a juventude, em uma proposição, todos concordam que a juventude não é apenas uma condição natural, biológica, uma fase de vida como afirmam os naturalistas (CRUZ, 2013, p. 48)

A despeito disso, a Organização Internacional da Juventude, determina o parâmetro da faixa etária de 15 a 24 anos para a juventude, porém entre os países, há alguns que antecipam ou prolongam esta faixa etária. Já no Brasil, em razão as políticas públicas, através da Organização das Nações Unidas (ONU), foi instituída a lei 11.129 de 30/06/2005 que criou a Secretaria Nacional de Juventude, O Conselho Nacional de Juventude e o ProJovem, que estabelecem a faixa etária de 15 a 29 anos. No entanto, nacionalmente existem pesquisas que apresentam estes dois dados.

Recorrente a este fato, para pensar em juventudes e na complexidade que esta categoria apresenta no sentido social, é relevante a compreensão de que esta é uma categoria plural, uma vez há tanta diversidade em seus recortes, que variam de acordo com os contextos social, cultural e econômico. Não há um tipo de juventude, e sim juventudes, que se manifestam em diversos modos de ser jovens de acordo com uma determinada realidade. (PAIS, 1990)

Para Pais (1990), os diferentes sentidos que o termo juventude tem tomado, e as manifestações de sentido contrário entre os jovens, é possível

[...] encontrar-nos seus comportamentos quotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais— chamarei, em termos latos, os *paradoxos da juventude*. Sobre estes e outros paradoxos me proporia reflectir, começando, no entanto, pelas representações (ou *doxas*) mais vulgares da juventude, para depois chegar à noção (paradoxa) de juventude como *construção sociológica* (p. 141).

Cruz (2013, p. 48) afirma que “cada sociedade, em cada momento histórico, produz formas de representar os jovens. Existem inúmeras representações sociais acerca deles.” Portanto, a construção histórica dessa categoria, se torna evidente se construída de acordo com um contexto social.

Para Melucce (1997), a juventude é difundida como noção social, e assim vista como uma categoria de análise:

[...] como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, através da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. É, assim, o momento crucial no qual o indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto através da interiorização dos seus valores, normas e comportamentos. Por isso mesmo é um momento crucial para a continuidade social: é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social. (p. 29)

Desse modo, segundo um consenso entre alguns dos pensadores sobre juventude, esta é uma categoria social-histórica, para Melucce apud Dayrell (2003), a juventude não pode ser considerada uma fase, mas sim como um momento em que o indivíduo está em fase de mudança do seu corpo, seus afetos, sua estrutura emocional, suas referências sociais e relacionais. É um tempo intenso de transformações que farão diferenças no ser ao longo da vida. Neste sentido, Dayrell conceitua a juventude como,

[...] uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contexto históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais, de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeito que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere. O jovem, como sujeito social, está a todo o momento envolvido em relações e expressões de suas culturas e grupo sociais. (2007, p. 3)

Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Desse modo, esta categoria é considerada também multidimensional (CRUZ, 2013). Segundo Guimarães (2012),

Os segmentos juvenis são diferenciados por critérios relacionados a territórios, gêneros, etnia, classe social, etc., o que sinaliza para a diversidade dos modos de *viver o ser jovem*. Este fato aponta para o que é consensual entre estudiosos da temática, de um lado a compreensão da juventude enquanto uma construção social, cultural e histórica e, de outro, a configuração de uma categoria multidimensional por se tratar de uma realidade múltipla pela crescente diversidade de agrupamentos juvenis nas sociedades (p. 16).

Através do conceito de juventude, é importante que se enfatize o jovem como um sujeito, “um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém” (DAYRELL,

2003, p. 5).

Tendo em vista os diversos modos de ser jovem e as manifestações de culturas juvenis formadas pelos jovens, para Abramovay esta categoria é propícia para simbolizar os dilemas contemporâneos.

A um só tempo, o jovem aparece como retrato projetivo da sociedade, condensando angústias, medos, assim como esperanças em relação às tendências sociais percebidas no presente e aos rumos que essas tendências imprimem para a conformação social futura. A sociabilidade do jovem passa a ser totalmente relacionada à contemporaneidade. (ABRAMOVAY, 2010, p. 47)

Dayrell (2003) observou que os jovens constituem seus espaços de identificação por meio de estilos que os levam há uma condição juvenil. Assim aparecem “modelos” de juventude que “constituem um espaço e um tempo nos quais esses jovens podem afirmar a experiência da condição juvenil. É por meio desses estilos que constroem determinados modos de ser jovem. E nessa construção colocam em questão as imagens, ou um certo “modelo” de juventude” (p.44).

A sociedade percebe a juventude como homogênea e cercada de estereótipos, o que para esta autora é uma equívoco, uma vez que esta visão desconsidera os diversos modos de ser jovem. A juventude apresenta diversas representações. Paes (1990) enfatiza que as representações de juventudes estão nos seus modos de agir, de pensar, e que isto está baseado a uma construção social. Segundo Guimarães e Duarte (2011), baseados nos estudos de Abramo e Branco (2005), esses modos de viver a juventude se modificam a partir de:

[...] uma condição de vida e, ao mesmo tempo, um tipo de representação social, que depende do modo como cada sociedade, em determinada condição histórica, a significa. A visibilidade da questão do jovem, nas últimas décadas, surge dos efeitos perversos da nova ordem econômica, das alterações no mundo do trabalho, da elevação dos patamares de desemprego, do crescimento da violência urbana e da criminalidade organizada. (p. 144)

Assim, embora os movimentos feministas componham jovens mulheres que lutam por questões semelhantes e até compartilham ideologias e vivências, estas vivem condições juvenis diferentes umas das outras. Suas condições de vida se diferem pelas suas raças, classe

econômica, corpos e sexualidade. Ou seja, por mais que haja sororidade<sup>3</sup> entre as militantes, cada qual apresenta sua particularidade, modos de ser jovens, ativismo e feminismos. As manifestações grupais e individuais dos jovens dependem de suas várias dimensões em sua rotina, seus modos de sociabilidade. (GUIMARÃES e DUARTE, 2011)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Frequentemente os contextos sociais, situados nas perspectivas patriarcais de uma sociedade androcêntrica, nos revelam a urgência em se debater como temas cotidianos e transversais as questões de gênero, raça e sexualidade. Dentre esses fatores, a necessidade em se aprofundar dos recortes sociais se torna ainda mais presente. É importante reconhecer como o feminismo tem avançado nas questões sociais para as mulheres, a população negra e as pessoas LGBT.

Entretanto, destaca-se que a sociedade contemporânea vive hoje uma arena de conflitos em todas as esferas sociais. Desde as questões políticas as religiosas. Neste sentido, os estudos feministas visam contribuir para uma discussão crítica e reflexiva sobre gênero e sexualidade acerca da sociedade contemporânea.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABRAMOVAY, Miriam. **Gangues, gênero e juventude: donas de rocha e sujeitos cabulosos**. Brasília: Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 2010.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. Abril Cultural: Brasiliense, 8º ed. São Paulo, 1991.

BARSTED, Leila L. **Os Direitos Humanos na perspectiva de gênero**. I Colóquio de Direitos Humanos. São Paulo, 2001.

BRASIL. **Declaração de Direitos Humanos**. Resolução n. 217, art. VIº, 10 de dezembro de 1948. Estabelece que todos têm o direito de ser perante a lei. Disponível em: <[http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero\\_diversidade\\_escola\\_2009.pdf](http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf)>.

---

<sup>3</sup> É a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum. Fortemente presente no feminismo, sendo definido como um aspecto de dimensão ética, política e prática deste movimento de igualdade entre os gêneros.



CRUZ, Fabíola Peres da. **Jovens estudantes do IEG: memórias do movimento estudantil (1964 a 1968)**, 2013. Dissertação (mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2013.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, nº 24, 2003.

DAYRELL, Juarez; REIS, Juliana Batista. **Juventude e Escola: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no Ensino médio**. Maceió: Edufal, 2007.

GHON, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. *Revista Brasileira de Educação*, 2011.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; DUARTE, Aldimar Jacinto Duarte. **Juventude e educação *Novos processos de socialização***. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 5, nº 8, 2011.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin. **Contribuições Conceituais de Pierre Bourdieu para a investigação de temática da juventude e educação**. In: DUARTE, Aldimar Jacinto; GUIMARÃES, Maria Tereza (orgs.) **Processos formativos de jovens na EJA em Goiás. Goiânia**: Ed. da PUC Goiás, 2012.

MELUCCI, Alberto. **Juventude tempo e movimentos sociais**. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, nº5, 1997.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. *Análise Social*, vol. XXV, 1990.

SALLOUM, Gisah Christine; VALENTE, Thaysa Zubek. **Gêneros e políticas públicas**. In: III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 2014, Londrina. Anais eletrônicos. Londrina, PR: 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/anais---iii-simposio-genero-e-politicas-publicas.php>>.

SWAIN, Tânia Navarro. **Corpos construídos, superfícies de significação, processos de subjetivação (UNB)**. In: *A construção dos corpos – Perspectivas Feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.